

Formação analítica e a ocupação intensa com a psicanálise

Christiane Vecchi da Paixão¹

Resumo: Instigada pelas palestras proferidas pelos diferentes convidados do Instituto de Psicanálise da SBPdePA sobre o tema da formação analítica ao longo do último ano, a autora discute as premissas que sustentam a formação de um analista. Relaciona transferência e transmissão em psicanálise com a experiência de análise pessoal do analista, acentuando o papel que cada analista assume ao estar dentro do campo psicanalítico: o de fazer valer a convicção da existência do inconsciente. Interroga se o desejo de ser analista leva o sujeito à análise ou se de uma análise nasce um analista. Aponta que a análise do analista é terapêutica, acrescentando a essa ideia a de que é também interminável, de acordo com os termos Freudianos, e nesse sentido, o é para o analista em formação e para qualquer analista.

Palavras-chave: Formação analítica. Transferência. Transmissão.

A IPA e o legado Freudiano

O maior legado de Freud pode ser o valor incontestado de duas pessoas sentarem em uma sala onde uma delas ouve atentamente a outra, algumas vezes por alguns anos, e o surpreendente fato de que, desses anos de conversa e escuta, o paciente pode sair da sala finalmente se sentindo melhor – sentindo-se mais livre, sentindo-se mais corajoso e sábio do que quando começou.

(Hustvedt, 2015)

1 Membro Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre – SBPdePA.

As instituições são parte importante da formação do analista, bem como o coração das instituições psicanalíticas depende da formação de novos analistas e nessa relação de mútua dependência, uma instituição sobrevive através e pelo trabalho de seus membros. Entretanto, as instituições, na melhor das hipóteses, permanecem, as pessoas passam. Tanto isso é verdade que Freud sempre teve a preocupação que sua obra não se confundisse com sua vida. A criação da IPA em 1910, essa grande instituição que nos alberga, nasce da preocupação com a transmissão e representa o esforço de muitas gerações para que os fundamentos psicanalíticos que a definem sejam mantidos, apesar da morte do fundador da psicanálise. De um lado o desejo de deixar um legado para as próximas gerações e de outro a possibilidade de que vivesse para além do criador; a transferência com o legado Freudiano como o melhor instrumento para manter viva a potência da psicanálise.

A internalização do movimento psicanalítico nascido em Viena, estendendo-se a Europa e expandindo-se para a América foi perpassado por muitas controvérsias, dissidências e conflitos transferenciais; no entanto, mantinha na sua essência a intenção de assegurar a transmissão do saber psicanalítico.

É bem conhecida a intransigência de Freud para manter firme os postulados da psicanálise, sendo intolerante com falsas compreensões que se afastassem do caminho reto das suas teorias, a primeira e principal delas a descoberta da sexualidade infantil e suas implicações no destino psicosssexual de cada um. A não compreensão desses postulados gerou a primeira grande crise no mundo psicanalítico, razão pela qual Freud rompeu com Adler (1911) e Jung (1913). Posição ocupada por Freud para defender e inscrever sua jovem ciência na cultura, ocupado que estava em criar um movimento capaz de dar suporte as suas teses e de ser aceito pela ciência.

Manifestamente, Freud não sabia o que fazer com aqueles discípulos loucos, transgressivos, inventivos e talentosos, que sob certos aspectos, tomavam sua doutrina *ao pé da letra*, ao ler em seus textos o que eles não continham, no intuito de deslanchar uma revolução individual e social muito mais radical do que a preconizada pelo mestre (Roudinesco, 2016, p.161).

Sua preocupação em manter vivas suas ideias, para além de sua própria existência, torna-se evidente quando afirma preferir a *ocupação intensa com a psicanálise* aos *que pensam compreender algo do seu jargão*. Em 1926, outro momento marcante da história da psicanálise no qual médicos americanos querem tomar posse da psicanálise na esteira de um processo movido contra Theodor Reik em

Viena por prática ilegal da medicina. Reik é acusado de charlatanismo por ser um analista, não médico. Nesse período, Freud concede uma rara entrevista a um jornalista americano e não poupa críticas à comunidade científica americana, onde estava naquele período a maioria dos seus admiradores. Sua integridade está acima da necessidade de agradar, mesmo àqueles que parecem admirá-lo. Nas palavras de Freud:

Os médicos nos Estados Unidos e ocasionalmente também na Europa procuram monopolizar para si a psicanálise. Mas seria um perigo para a psicanálise deixá-la exclusivamente nas mãos dos médicos, pois uma formação estritamente médica é, com frequência, um empecilho para o psicanalista. É sempre um empecilho quando certas concepções científicas tradicionais ficam arraigadas no cérebro estudioso (1926a, p. 11).

O receio de Freud de que a psicanálise perdesse em profundidade em razão da sua rápida popularidade está no cerne da crítica, associada ao risco de se tornar de domínio exclusivo de alguns, sejam eles quem forem. Acrescentava que tinha suas dúvidas quanto a esse cortejar da psicanálise, se as pessoas estavam interessadas em possuí-la para preservar ou para destruir (Freud, 1926b, p. 287), numa clara alusão à segunda subfase anal de Karl Abraham. Defendia acima de tudo a liberdade, uma perspectiva ética libertária para a psicanálise. Segue:

[...] A popularização leva a aceitação superficial sem estudo sério. As pessoas apenas repetem as frases que aprendem no teatro ou na imprensa. Pensam compreender algo da psicanálise porque brincam com seu jargão! *Eu prefiro a ocupação intensa com a psicanálise* (Freud, 1926a, grifo nosso).

Roudinesco, comentando a grande aceitação da psicanálise nos Estados Unidos, afirma que Freud nunca deixou de olhar para essa conquista com crítica: “Meu sucesso será curto, diria a Barbara Low, os americanos me tratam feito uma criança que se diverte com sua boneca nova, a qual logo será substituída por um novo brinquedo” (Roudinesco, 2016, p.186).

Passados 60 anos dessa afirmação, Roudinesco interpreta esse acontecimento: “Na realidade, os americanos receberam triunfalmente a psicanálise pelo que ela não era – uma terapia da felicidade – e a rejeitarão sessenta anos mais tarde por não cumprir a promessa que não poderia cumprir” (*Ibid.*, 187).

Observamos ao longo da história do movimento psicanalítico, marcado por dissidências, decepções e rompimentos, uma grande preocupação de Freud com o destino da psicanálise, seja na forma da compreensão clara dos conceitos, seja no

manejo técnico da transferência pelo analista. Muitas são as referências em sua obra e inferimos que isso reaparece de forma deslocada no texto *A questão da análise leiga* (1926). Esse artigo, escrito no mesmo período da acusação contra Reik e da entrevista aqui citada, é possivelmente uma resposta à intenção americana de restringir o acesso à formação analítica. No texto, lança mão do recurso de criar um interlocutor que ocupa ao mesmo tempo dois lugares, quem afirma os preceitos da psicanálise e quem interroga. Nele, recupera e revisita, através da conversa com essa *pessoa imparcial*, os fundamentos técnicos e teóricos que norteiam a prática da psicanálise e, ao mesmo tempo, aponta as ambiguidades intrínsecas aos seus praticantes. “Freud produz um deslizamento da contradição de fora pra dentro do texto. Ele se faz autor daquilo ao qual se opõe” (Poli, 2012, p. 63).

Interpretamos que é uma forma de mostrar que a contradição também habita os próprios psicanalistas, que o campo psicanalítico não deve ser defendido apenas daqueles que se opõem à psicanálise, estando fora do campo, mas também, dentro, por aqueles encarregados da sua transmissão e expansão. Talvez por esse motivo, declare sua preocupação com a formação dos analistas, pois nesse mesmo texto de 1926 afirma que existiam dois Institutos encarregados da formação de novos analistas (Berlim e Viena) e logo em seguida, no pós-escrito, surpreende ao dizer que um *esquema de formação ainda tem que ser criado*. Pensamos que a abertura que essa aparente contradição revela coloca-nos diante da seguinte questão: quais premissas sustentam a formação de um analista e tornam cada analista responsável pela difusão da psicanálise?

Em termos diacrônicos, históricos, deve ser mantida no tempo, transmitida para além de seus praticantes, sustentando ao mesmo tempo a medida sincrônica, aquilo que é singular e próprio ao campo psicanalítico, seu método de escuta/cura.

Transmissão, transferência e identificação

Freud se utiliza da biologia para apoiar a ideia de que o indivíduo é o elo de uma corrente: “[...] o veículo mortal, de uma substância, talvez (possivelmente) imortal” (Freud, 1914, p. 94). Utiliza-se da teoria do plasma germinativo da herança, desenvolvida pelo biólogo austríaco August Weisman (1834) que afirmava haver uma sólida continuidade na transmissão genética entre as sucessivas gerações. Ainda que lance mão da biologia para metaforizar o desejo de imortalidade do indivíduo (da instituição ou da cultura), essa não passa pela transmissão genética. Ao contrário, sustentará a ideia de que a transmissão se dá pelo caminho da identificação. Dizendo de outro modo, algo de nós mesmos sobreviverá nos descendentes, aquilo que foi adquirido pela força do uso, através

do pai, passa de geração em geração. A ideia de que a transmissão da psicanálise passe pela identificação gera críticas na medida em que confunde-se com o desejo do outro. Expressão cunhada por Lacan para indicar o risco de ficar submetido ao desejo do outro, de criar analistas à sua imagem e semelhança, crítica que vem apoiada na própria afirmação de Freud de que o “analista possa funcionar como modelo para seu paciente” (Freud, 1937, p. 282). Por outro lado, como transmitir a alguém o desejo de tornar-se analista sem que o *desejo do analista* funcione como motor para a transferência? A verdadeira identificação não deve ser confundida com a imitação, é passível de ser assimilada e tornada disponível para o uso. Identificados acima de tudo com a eficácia do método e com “[...] uma convicção firme da existência do inconsciente [...] isso de fato acontece, e na medida em que acontece, qualifica o indivíduo analisado para ser, ele próprio, analista” (*Ibid.*, p. 283).

Esta concepção encontra-se na base dos conceitos fundamentais da psicanálise, por exemplo, no conceito de transferência. Transmissão – *Übertragung* – que em alemão significa também transferência, que quando aplicado à ideia de transmitir a psicanálise, de levar adiante, inclui o ato de alguém ser responsável por levar à frente, colocando em cada analista o destino da psicanálise: “[...] na transmissão o analista terá que repetir diferencialmente o gesto inaugural de Freud” (Fuks, 2007, p. 3).

Tendo em vista que transmissão e transferência têm a mesma raiz, podemos dizer que uma análise nasce no surgimento da transferência. Antes dali, antes desse encontro inaugural não há inconsciente. O inconsciente do analisando se inaugura no encontro analítico; esse é o gesto diferencial que cada analista repete, tal como Freud um dia o fez. E no que diz respeito ao analisando, ele repete em transferência com o analista para poder fazer algo diferente com a repetição: “[...] a matéria prima do analista artesão é o relato em transferência [...]. Não apenas o efeito da cura da análise é inseparável da produção do inconsciente na cura, senão que essa produção é a própria condição desse efeito” (Pereda, 2015, p. 53).

Sendo esse o traço diferencial da psicanálise, é disso que os analistas estão encarregados ao estarem dentro do campo psicanalítico, encarregados de fazerem valer a convicção: sim, o inconsciente existe. Dentro da sessão, é função do analista fazer o inconsciente surgir e é com isso que o futuro analista irá identificar-se. A voz do poeta – René Char – acrescenta luz ao que estamos pensando quando um analista é capaz de transmitir a outro analista em formação o que faz: “Um poeta deve deixar vestígios da sua passagem, e não provas. Só vestígios fazem sonhar” (Char, citado por Nasio, 1999, p. 30). Vestígios dessa passagem, da experiência da passagem por um divã, como se disséssemos, algo da voz do

analista permanece em nossos ossos, em nossas entranhas, como parte inseparável da nossa constituição. Ogden e Gabbard (2011) descrevem esse processo:

Quando prestamos atenção, há resíduos incontornáveis da voz do nosso analista nas palavras que dizemos a nossos pacientes. Essas maneiras de falar estão em nossos ossos, internalizados há muito tempo e se tornaram parte de nós sem que nos dessemos conta do processo de assimilação (p. 120).

Nesse sentido, o estabelecimento da transferência, mais do que uma ferramenta técnica, é o modo através do qual a análise opera, é o verdadeiro instrumento da sua eficácia. Freud, quando enfatiza a firme convicção no inconsciente, que é fruto da nossa experiência com ele, está claramente marcando a diferença irreduzível entre experimentar o efeito do seu próprio inconsciente e aprender algo a respeito da sua existência. Aqui ecoam novamente suas palavras, quando diz preferir a ocupação intensa *com a psicanálise* do que com aqueles que pensam saber algo sobre seu jargão. Colocar a potência da psicanálise na experiência pessoal com ela, recupera o valor incontestado de que formação de um analista passa fundamentalmente por um divã.

[...] um paciente nunca se esquece novamente do que experimentou sob a forma de transferência; ela tem uma *força de convicção* maior do que qualquer outra coisa que possa adquirir por outros modos (Freud, 1938, p. 204, grifo nosso).

Formação analítica e mal-estar?

Sustentamos que a formação de um analista é inseparável da sua própria análise, o que em hipótese alguma fere os modelos de formação aceitos pela IPA; a análise do analista em formação está prevista no modelo. No entanto, ainda que os pilares de sustentação propostos sejam amplamente aceitos (tripé), são ao mesmo tempo fonte de mal-estar ou mal-entendidos dentro das instituições. Historicamente, as crises nas Sociedades Psicanalíticas sempre se deram em torno da formação, nas palavras do psicanalista Miguel Leivi (APdeBA), convidado do Instituto de Psicanálise da SBPdePA: o modelo de formação tem numa longa história de mal-estar.

Diante de inquietante afirmação, a primeira questão que ocorre é qual a fonte desse mal-estar? Freud já dizia que a cultura é produto do mal-estar, algo inevitável quando se refere ao agrupamento humano. Nesse sentido, o ambiente ins-

titucional carrega nosso mal-estar no mundo, pois funciona como ordenador das pulsões humanas e, ao mesmo tempo, sofre o impacto dessas mesmas pulsões.

Nilde Parada Franch, quando esteve em Porto Alegre também a convite do Instituto da SBPdePA, afirmou: as instituições são a caixa de ressonância das patologias individuais. De alguma maneira isso é sabido por todos, por isso formulamos a questão do seguinte modo: qual a relação entre mal-estar e formação analítica? Do ponto de vista do analista em formação, o mal-estar pode estar relacionado à angústia que o acompanha diante do seu projeto, traduzida muitas vezes nas metas a serem cumpridas, na busca de paciente para supervisão e na grade de seminários a serem realizados. Ainda que pertinentes e que sem dúvida merecem nossa atenção, não nos deteremos nelas. Do ponto de vista da instituição formadora, o mal-estar pode estar ligado à preocupação com sua *obra em andamento*, com o *menu* de seminários e autores oferecidos, também questões pertinentes, mas não é isso que nos interessa. Interessa-nos e é disso que estamos nos ocupando, da angústia como efeito do necessário trabalho de fazer-se analista. Utilizamos o verbo fazer, quando poderia ser construir, um analista em construção. Do nosso ponto de vista, o que está em jogo é o trabalho interno de sofrer as transformações subjetivas necessárias para constituir-se analista. Falamos do Ser, dessa delicada e laboriosa tarefa de fazer brotar um analista. Aqui se impõe uma questão. O desejo de ser analista leva o futuro analista ao divã, ou o desejo de ser analista nasce de um divã? Dito de outro modo, vou à análise para me tornar analista, ou sou analista como produto de minha análise?

Naturalmente que a questão assim colocada remete-nos diretamente à ideia de que uma análise pode ser iniciada *por encomenda* com o objetivo claro de se tornar analista, ou também pode ser fruto do sofrimento psíquico e, nesse processo, despertar no analisando o desejo de ser analista. A primeira alguns chamam de análise burocrática, na qual o analisando submete-se às exigências da formação para cumprir com as normas institucionais. Naturalmente que nem toda análise que se inicia por uma exigência desemboca na burocracia; pode tornar-se uma análise por demanda pessoal. A segunda mantém a premissa de a análise ser terapêutica, mas acrescenta a essa, outra, a de que análise do analista é interminável. Lembrando a recomendação de que de tempos em tempos o analista retorne para o divã.

Sendo interminável, o é para o analista em formação e para qualquer analista. Como disse Sergio Nick (SBPRJ) durante a aula inaugural na Brasileira, a IPA alberga a todos, tanto aqueles que desejam apenas o título de analistas IPA, como aqueles que decidem ocupar-se intensamente com a psicanálise por força

de convicção. No linguajar comum, a formação de um analista pode passar pelas entranhas ou por fora dela. A decisão é de cada um. Quando essa decisão pode afetar a instituição? No momento em que os analistas passam a ser encarregados da transmissão, de levar adiante a convicção crescente na eficácia do método psicanalítico. O futuro das instituições e o futuro da psicanálise depende de analistas transferenciados com a psicanálise, naquilo que ela tem de mais essencial, sua eficácia.

Estamos adentrando em um campo minado, em torno do qual, historicamente como já dissemos, foi motivo de discórdia e até dissidência dentro das Sociedades Psicanalíticas. Nossa impressão é que na maioria dos casos não entramos em acordo quanto aonde colocar o rigor, em qual dos pés do tripé colocamos mais peso. Ou se atribuímos o mesmo valor a cada um deles. Em torno dessa discussão, muitos analistas já opinaram a ponto de Aberastury (1959) afirmar que a análise didática é inimiga da arte de curar. Em 1959, a APA organiza um simpósio interno *Relaciones entre psicoanalistas*, no qual Arminda Aberastury, Angel Garma e tantos outros ocupam-se de discutir os problemas em torno da formação analítica, bem como o efeito desses nas relações entre os membros, acentuando a importância da instituição na formação de um analista. O surpreendente é que ambos afirmam que a análise do analista em formação é, em muitos casos, menos eficaz que em outras pessoas, afetando a relação entre os pares.

Por que el tratamiento psicoanalítico no consigue tanta mejoría en las relaciones entre los psicoanalistas? La respuesta es unívoca. Porque a menudo el tratamiento psicoanalítico de algunos psicoanalistas es menos eficaz. No hay que extrañarse; pues existen dos motivos importantes para ello. El tratamiento no es buscado directamente por el futuro psicoanalista y se realiza en circunstancias desfavorables (Garma, 1959, p. 345).

São afirmações diretas e corajosas e, ainda que incômodas, podem funcionar como balizadoras dessa discussão. Aberastury e Garma, quando abrem essa discussão, afirmam que a análise do analista ao se dar por uma exigência institucional, imposta de fora, exclui o fundamental, que seja por desejo do próprio analisando. Desejo de investigar seu próprio inconsciente para “adquirir um saber fazer com seu próprio inconsciente que permita sustentar a posição de analista” (Cabral, 2013, tradução livre). Também defendem que se análise é terapêutica, o é para todos, não apenas para os analistas em formação. Aberastury chega a sugerir que esse equívoco seja modificado argumentando que ao se exigir análise do candidato, exija-se também do analista durante sua carreira institucional. Esten-

der a exigência nesses termos subverte o essencial, que ela seja buscada por desejo e por necessidade. Observamos que esse simpósio, ainda que tenha ocorrido há 46 anos, mantém sua atualidade ao recolocar a análise pessoal como central na formação de um analista, estabelecendo pesos diferentes para cada pé do tripé. Vai além, coloca o analista em permanente construção, nunca pronto e sempre necessitando afinar seu instrumento.

Diante de inquietantes questões, qual modelo de formação defendemos? Em que premissas básicas colocamos o maior peso? Em relação a quem situar o rigor para que uma análise opere a cura nos termos aqui usados, seja terapêutica, e para que o resultado de uma formação analítica seja um analista? Desconhecer que o processo da formação de um analista está assentado na firme convicção da existência do inconsciente pode redundar numa banalização ou superficialização da psicanálise, tornando essa descoberta fundamental numa mera lembrança. Esse é o ponto que precisamos seguir encarregando-nos de pensar.

Desejamos aos analistas a ocupação intensa com a psicanálise, tal como Freud um dia defendeu.

Analytical training and intense occupation with psychoanalysis

Abstract: Prompted by talks given by various guests of the Psychoanalytic Institute of SBPdePA on the subject of analytic training over the last year, the author discusses the assumptions that underpin the formation of an analyst. Relates transfer and transmission in psychoanalysis, with personal analysis of analyst experience, emphasizing the role that each analyst assumed to be within the psychoanalytic field: to enforce the conviction of the unconscious existence. Interrogates the desire to be an analyst takes the subject to analysis or an analysis is born an analyst. Analyst points out that the analysis is therapy, adding to the idea that it is too interminable, according to the Freudian terms, as it is for the analyst in training and for any analyst.

Keywords: Analytic training. Transference. Transmission.

Referências

Aberastury, A. (1959). La filosofía del hecho consumado y su repercusión en la formación psicoanalítica. *Revista da APA*, 16 (4): 381-387.

Cabral, A. (2013). *La formación analítica em tiempos del psicoanálisis plural*. Disponível em: <<http://web.sapsicoanálisis.org.ar/index>>. Acesso em: 28/09/2016

Freud, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *Obras psicológicas completas* (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. (1926a). O valor da vida: uma entrevista rara com Freud. *Jornal da Brasileira*, 12 (2): 8-12. 2009.

_____. (1926b). A questão da análise leiga. In: *Obras psicológicas completas* (Vol. 20). Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. (1937). Análise terminável e interminável. In: *Obras psicológicas completas* (Vol. 23). Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. (1938) Esboço de psicanálise. In: *Obras psicológicas completas* (Vol. 23). Rio de Janeiro: Imago, 1974.

Fuks, B. B. (2007). Questões da contemporaneidade e a transmissão da psicanálise. *Revista Psychê*, 11 (20): 141-150.

Garma, A. (1959). Algunos contenidos latentes de las discórdias entre psicoanalistas. *Revista da APA*, 16 (4): 354-361.

Gabbard, G., & Ogden, T. (2011). Tornar-se analista. *Livro Anual de Psicanálise*, 25: 117-130.

Nasio, Juan-David. (1999). *Como trabalha um psicanalista?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Pereda, L. C. (2015). A cura analítica como produto artesanal. *Revista Calibán*, 13 (1): p. 41-54.

Poli, M. C. (2012). *Leituras da clínica, escritas da cultura*. Campinas: Mercado de Letras.

Roudinesco, E. (2016). *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Débora Rodrigues

Recebido em: 30/09/2016

Aceito em: 14/10/2016

CHRISTIANE VECCHI DA PAIXÃO
Rua Ramiro Barcelos, 1793 / 408
90035-006 Porto Alegre – RS – Brasil
e-mail: cv.paixao@hotmail.com